EU TAMBÉM NÃO TE CONDENO

As crianças aprendem de seus pais muitas coisas importantes, uma delas é que antes de se assentarem à mesa para as refeições é preciso lavar as mãos, e o pai e a mãe então seguem primeiro para dar o exemplo e depois à mesa com as mãos limpas eles partem o pão.

Na igreja porém é um pouco diferente, quem daqui da frente parte o pão não faz de mãos limpas, mas na plena certeza de que este mesmo pão pode purificar não só as mãos, mas também toda a sua alma.

João 8:1-11 (ler)

Amanhecia em Jerusalém o dia seguinte da Festa dos Tabernáculos que se estendera por toda uma semana. O sol ensaiava lançar os primeiros raios sobre a cidade quando Jesus no monte das oliveiras despertava do seu sono solitário seguindo o seu costume dirigiu-se ao templo a fim de adorar. Embora a festa propriamente dita tivesse terminado, muitos peregrinos permaneciam na cidade. Judeus de perto e de longe que agora estavam reunidos no templo para o último serviço de adoração antes de retornar para os seus lares.

Ao misturar-se à multidão e sendo descoberto por alguns, Jesus logo atraiu um pequeno grupo ao seu redor. Como diz o texto assentou-se e passou a ensiná-los.

Aquele pequeno grupo, aquele pequeno círculo de fiéis estendia-se rapidamente à medida que Jesus expunha Sua doutrina, os que por ali passavam aproximavam curiosos, esticavam o pescoço e no mesmo local, no mesmo lugar se acomodava. E a roda pequena

a princípio agora se apresenta grande, ocupando um bom espaço do pátio externo onde muitos rabinos costumavam ensinar os seus alunos.

Repentinamente houvem-se gritos fortes de mulher junto a vozes de homens irritados que se aproximavam, e aquele burburinho no templo é abafado de uma vez, os que prostrados adoravam, levantam a cabeça assustados, os mercadores interrompem as suas ofertas as rodinhas se desmancham, todos se volvem para ver o que se passa.

Rompendo a multidão, surge um grupo de escribas e fariseus, no meio deles uma mulher arrastada pelos cabelos por homens fortes cujos rostos estampam uma mescla de ódio e malévola satisfação. Aproximam-se da grande roda ao qual no centro está Jesus, a roda se abre e eles caminham um pouco mais e param diante do Mestre. Todos os demais que estavam espalhados ao redor deixam os seus lugares e se juntam àquela roda que agora estava enorme. No centro, Jesus, aqueles homens e a mulher. O rosto de Jesus se anuvia por alguns momentos. A dor e a mágoa se lhe estampam claramente nos olhos. Aqueles homens arrastam a pobre mulher aos pés de Cristo, ela se debate fracamente e se contorce, grita e geme por causa da brutalidade com o qual é tratada.

Com toda a força e desprezo é atirada contra o solo, e aqueles que a trazem passam vomitar suas acusações feito demônios. Com vozes roucas e tanto ódio, gritam os nomes baixos reservados unicamente a tais mulheres. Ela permanece no chão, toda encolhida, soluçando amargamente apavorada diante das acusações e da triste sorte que a aguardava.

Cabeça baixa, as mãos cobrindo o rosto, os cabelos despenteados sobre a face ajudam a cobrir um pouco sua vergonha. O vestido rasgado e sujo pela poeira deixa à

mostra as feridas e marcas da brutalidade dos seus algozes. Alguns dos discípulos percebem na face de Cristo uma profunda tristeza, percebe também que Ele não olha para a mulher. Seus olhos observam com atenção as faces daqueles que a acusavam, vê que cada um carrega uma pedra, cujos cantos ásperos e ponteagudos eram apalpados de forma muito maliciosa.

Os acusadores percebem o olhar firme de Jesus e cessam a gritaria. Um deles apenas se adianta um pouco mais e repete a acusação: "Mestre esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Jesus olha para os lados em busca do homem que partilhava a sua culpa mas eles só acusam a mulher. A lei de Moisés dizia que no caso de adultério os dois, homem e mulher teriam que morrer. Mas a ausência do homem logo sugeriu a Cristo que se tratava de uma cilada, Ele vê as pedras que eram carregadas e conclui tratar-se de uma mulher não casada, apenas comprometida, porque os rabinos sentenciavam as casadas ao estrangulamento ao passo que as comprometidas eram apedrejadas, deveriam ser apedrejadas. Normalmente em casos assim eles arrastavam a pessoa pelas ruas da cidade antes de conduzí-las ao local da execução e quem quisesse poderiam se unir ao cortejo.

E na periferia da cidade diante de um barranco criteriosamente escolhido eles deixavam a pessoa semi-nua então amarravam as suas mãos às costas e aqueles que haviam testemunhado o pecado eram convocados, a estes era dado o privilégio de empurrarem-na para baixo e lançarem sobre ela uma grande pedra. Somente então os demais estavam autorizados a selarem a execução lançando também as suas pequenas pedras.

Aquela mulher vê repertir-se aquela mesma cena por ela já testemunhada por várias vezes, sua aflição aumenta, seus gemidos incomodam os espectadores enquanto aqueles homens cobram de Jesus uma resposta era uma armadilha para o Mestre, mas isto não o abala, Ele permanece em silêncio. Ensaiando o primeiro movimento, abaixa-se e vagarosamente começa a escrever na poeira dos Seus pés. Todos querem ver o que Ele escreve. Seria a sentença da mulher? Ou uma declaração de omissão a tal responsabilidade?

Não, jamais faria com a mulher o que Pilatos haveria de fazer com Ele. Diz a Sra. White que ali na poeira com o próprio dedo, Jesus traçou perante eles os criminosos segredos de cada um ódio, vingança, orgulho, sensualidade, idolatria, cobiça, mentira, roubo, crítica, a multidão ao redor notando a subita mudança na expressão dos acusadores, adiantou-se para ver o que eles estavam olhando com tanto espanto e vergonha.

Talvez Jesus tenha olhado bem nos olhos dos mais velhos daqueles homens, quem sabe um homem alto, de cabelos e barbas brancas, olhos altivos, e tenha escrito no chão a palavra idolatria. Talvez tenha olhado para aquele que arrastara a mulher pelos cabelos e escrito sensualidade. Em seguida Jesus percorre todo o ciclo com os olhos e finalmente diz: "aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que atire pedra. Novamente se abaixa e escreve letra após letra, ainda mais perplexos, todos observam os dedos que se movem para cima e para baixo. Para cima e para baixo.

Desconcertados, desmascarados coram de vergonha e começam a tremer, eles agora é que são o alvo da multidão, e de cabeça baixa um após outro deixam cair a pedra e começam a se afastar. Apenas o povo permanece maravilhado. Jesus continua em

silêncio, nenhuma acusação ouve-se de Seus lábios, nenhum comentário, nenhuma palavra, apenas o silêncio, silêncio digno de imitação por todos aqueles que professam seguí-lo, silêncio como resposta quando dentro da igreja alguém não cochicha mas censura um comentário maldoso a respeito de um outro irmão ou irmã, silêncio como resposta quando lá fora após o culto e em rodinha alguém critica o pregador ou anciãos, músicos, trazendo à tona eventuais falhas ocorridas durante a programação.

Silêncio como resposta quando alguém lhe revela em segredos os supostos pecados de líderes e demais membros da igreja, silêncio como resposta. Silêncio em palavras e em espírito. Silêncio freqüentemente quebrado em nossa mórbida tendência de julgar, acusar e censurar, tendência semelhante à daqueles homens que lançaram aquela pobre mulher aos pés de Cristo.

E que semelhança existe na censura e julgamento que aqueles judeus aplicavam àqueles errantes na época, com a maneira como alguns membros comentam a vida e o caráter de seus irmãos? Quando alguém pecava e o pecado era para o apedrejamento todo aquele ritual já citado era seguido, o arrastar pelas ruas com as mãos atadas nas costas, o lançar violentamente ao buraco e por fim o apedrejamento. Da mesma forma quando hoje alguém comete um pecado qualquer, prontamente aparecem aqueles que haverão de arrastá-lo pelas bocas e ouvidos da igreja, com seus comentários ferinos e argumentações perversas, despem o infeliz transgressor de toda a sua honra, lançam-no no abismo da humilhação e da vergonha. E como se tudo isso já não bastasse ainda atiram sobre ele as pedras de ódio e desprezo.

Disse Jesus: “aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra.” A palavra grega usada por Jesus e que foi traduzida por atirar, é o verbo

Βαλλο. Esse verbo algumas vezes vem acompanhado de uma preposição por exemplo a preposição Diá, que significa através de por intermédio de. O resultado desta junção é uma terceira palavra Diaballo, justamento o verbo acusar, caluniar, e do qual deriva um substantivo: Diabollos, de onde temos a palavra Diabo, que significa acusador, caluniador.

Diz a Sra. White: “Se Satanás pode empregar professos crentes para agir como acusadores dos seus irmãos, ele se sente lisongeado. Mas alguém pode perguntar: por que ele se sente lisongeado quando vê um crente acusando o outro? Sabem porque? Porque Satanás se sente como Luiz Pasteur, ao ouvir pela primeira vez o termo pasteurizar, em relação ao processo de purificação do leite por ele inventado. Ou seja Satanás se alegra, fica invaidecido quando alguém acusa, julga ou condena, porque desse modo o seu próprio nome Diabo, Diaballo é usado e popularizado pelos professos seguidores do seu Arquiinimigo Jesus Crtisto.

A Sra. White ainda diz: “nunca permitais que vossa língua e voz seja empregadas em descobrir e exagerar os defeitos de nossos irmãos. Quem faz isto é missionário de Satanás. Não importa se decidimos um dia dedicarmos a nossa vida, nossos bens e talentos a Deus, no momento em que acusamos, censuramos, atiramos pedra em alguém, nós estamos nos identificando com o Diabo, fazendo sua obra e tornando conhecido o seu nome. Estamos sendo missionários de Satanás e pregadores de sua doutrina.

Ao assim fazer, colocamo-nos em uma posição muito perigosa em relação à misericórdia de Deus. Não julgueis disse Cristo para que não sejais julgados. E conquanto estas palavras se refiram primariamente às relações humanas, elas também tem uma implicação espiritual ou seja, ao julgar, ao censurar os outros, nós nos igualamos a

eles e nos tornamos sujeitos à mesma condenação, não apenas diante dos homens, mas também diante de Deus.

Mas voltemos à cena bíblica, os discípulos e fariseus já não estão mais presentes, apenas as pedras a indicar no chão o lugar exato em que cada um deles havia estado. Aquela multidão de curiosos permanece e olha atentamente para Jesus e aquela que ainda estava a Seus pés, o silêncio é perturbado apenas pelos repetidos soluços daquela pobre mulher que ainda cobre o rosto com as mãos e não ousa sequer levantar a cabeça.

Só agora Jesus olha para ela, observa sua aflição e agrura, e com ternura pergunta: "Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Ela balança a cabeça e com voz trêmula responde: "ninguém Senhor" isto foi tudo o que ela disse do princípio ao fim. E nessa simples resposta "ninguém, Senhor" fica implícito que ela aceitava humildemente a acusação de que fora alvo. Jesus então olhando para ela, vendo as faces manchadas de lágrimas e mais fundo em seu coração vendo o mais genuíno arrependimento, inclina-se e com a mão suavemente, levanta a sua cabeça, olha bem nos seus olhos e lhe diz, nem Eu, tampouco Te condeno. Nem Eu tampouco Te condeno, porque ninguém na terra tem o direito de condenar e ninguém no céu quer fazê-lo.

Com atenção aquela mulher ouve aquelas palavras e entende perfeitamente o que elas querem dizer. Sabe que está doente, debilitada, abatida intorpecida pelo efeito inebriante do pecado, mas também sabe que está sendo agraciada pelo perdão, medicada com um único remédio capaz de curá-la. Sem vacilar apodera-se dele confiante em sua eficácia, experimenta-o, ingere-o pela fé e imediatamente começa sentir seus efeitos, é curada por ele.

Como é maravilhoso o perdão de Deus, o perdão que Deus oferece por meio de Jesus Cristo. Um perdão que suprime a dor da culpa, que neutraliza o efeito depressivo da humilhação, que remove do coração o mal que o infecta e que restaura a paz e a saúde de espírito. Ao perdoá-la porém, Jesus estava ensinando àquela multidão bem como a ela que para ser um súdito de Seu reino é necessário possuir um espírito perdoador. O perdão alcançado deve ser partilhado. Toda pessoa que se sente perdoada por Deus perdoa. Qualquer outro espírito é estranho à conversão.

Leiamos o que Paulo declara em sua epístola aos Efésios no capítulo 4:32: (ler)

À primeira vista irmãos este texto parece nos ensinar que o perdão ao próximo deve ser uma conseqüência do perdão de Deus, ou seja, que devemos perdoar os irmãos que caem em pecado e particularmente aqueles que nos ofendem, porque foi assim que Deus agiu para conosco. Embora seja verdade que o cristão alcançado pela graça perdoadora de Deus também deva perdoar, o ensino de Paulo nesta passagem vai além disso, a conjunção usada pelo apóstolo aqui e que foi traduzida pela expressão “assim é como também” que foi traduzida pela expressão “como também”, não indica apenas o motivo do perdão que devemos praticar mas principalmente o modo de praticá-lo. Em outras palavras o perdão que recebemos de Deus por intermédio de Cristo é destacado aqui por Paulo como um padrão que devemos seguir em nossas relações com o próximo, quem sabe até devêssemos alterar um pouquinho a tradução do texto para que seu significado fique ainda mais claro, notem a diferença: “Sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros do mesmo modo como Deus em Cristo vos perdoou”.

O perdão que recebemos, o perdão que devemos aos outros, deve ser tanto quanto quanto possível idêntico, deve ter as mesmas características e efeitosdo perdão que recebemos de Deus. É isto que Paulo quer dizer aqui e é por isso que no versículo que vem imediatamente a seguir ele declara: “Sede pois imitadores de Deus”, imitadores em que? Na maneira de perdoar.

Mas como é o perdão de Deus, quais as suas características que devemos tentar reproduzir? Vamos à Bíblia.

Salmo 103:10 (ler)

O salmista declara que mesmo se antes da nossa condição pecaminosa Deus não leva em consideração ao procurar relacionar-se conosco. Jesus acabara de revelar esta verdade à mulher, pesava sobre ela uma grave acusação, o pecado que cometera era muito vergonhoso e Cristo a desaprovava completamente, mas Ele sabia distingüir o pecado do pecador e sua atitude naquele momento revela como cada um de nós deve tratar aqueles que erram. Pessoas vítimas de algum pecado, nós as encontramos encontramos em todos os lugares, e como se não bastasse o fardo que o próprio pecado já representa o remorso, as feridas que ele deixa na alma, muitos pecadores acabam se tornando vítimas do espírito intolerante e preconceitooso de certos membros. São membros que se aproveitam da ocasião para vender uma imagem de inpecabilidade e assim se torna implacável no tratamento não só do pecado, mas também do pecador que passa a ser tachado como nocivo à igreja e à sociedade e além da disciplina eclesiástica sofrem também uma espécie de disciplina particular, é discriminado e acaba sendo expulso do convívio dos irmãos, afugentados pela tempestade de pedras produzidas pelo espírito crítico e intolerante de alguns.

Deus porém não nos trata segundo os nossos pecados nem os retribui consoante as nossas iniqüidades.

Isaías 43:25 (ler)

Interessante é como Deus confessa a Sua própria aminésia com relação aos pecados arrependidos e confessados.

Ilustração:

Conta-se que os índios Norte-americanos, guerreiros por natureza eram hábeis na arte de transformar uma simples pedra numa machadinha uma arma indispensável nas guerras. E quando faziam as pazes reuniam e fumavam aquele grande cachimbo da paz. E para selar a reconciliação, como símbolo da reconciliação, ali mesmo onde estavam enterravam as suas machadinhas.

Perdoar ofensas e pecados parece fácil às vezes. A dificuldade reside na capacidade de esquecê-los e na tendência que temos de desenterrá-los quando a paz é ameaçada, isso acontece

(Está incompleto faça uma conclusão)